

A VIABILIDADE DA UTILIZAÇÃO DO STANAG 6001 NO SISTEMA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LI DA AFA¹

THE VIABILITY OF USING THE STANAG 6001 ON THE ENGLISH TEACHING-LEARNING SYSTEM AT AFA

Gabriel Cesar Petrovich Montenegro²
Orientador(a): Priscila Petian Anchieta*

RESUMO

Considerando o cenário atual dos conflitos ao redor do globo, é fato que as ações militares de maneira combinada se tornam cada vez mais frequentes. Esses tipos de operações ocorrem quando as forças componentes que fazem parte da atividade são de países diferentes, como as desempenhadas por organizações intergovernamentais, tais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Posto isso, o Comando e Controle (C2) é essencial para o bom desempenho e comunicação no decorrer das ações. Porém, devido aos países componentes dessas organizações não terem uma língua comum, é preciso estabelecer uma língua oficial, que muitas vezes é a Língua Inglesa. Portanto, faz-se necessário que as Forças Armadas dos países doutrinam seus militares, principalmente seus futuros líderes, desde o começo de sua formação, na aquisição de uma segunda língua. Na Força Aérea Brasileira, o desenvolvimento do aprendizado da língua inglesa está em constante aperfeiçoamento. Portanto, o presente trabalho buscou realizar uma análise bibliográfica e documental reflexiva acerca do sistema de avaliação do curso de inglês durante a formação dos oficiais da aeronáutica. Desse modo, comparamos duas escalas de proficiência: o QCE (utilizado atualmente na AFA) e o STANAG 6001, de modo a analisar as diferenças entre os quadros e verificar a viabilidade da utilização das diretrizes do STANAG 6001 durante o curso de LI da Academia da Força Aérea (AFA), visando o aperfeiçoamento da formação dos futuros oficiais da AFA. Ademais o trabalho destacou a semelhança entre os dois quadros analisados e indicou principalmente a diferença de propósito dos mesmos, tendo o STANAG 6001 um viés mais profissional do que o QCE, que foca em um aprendizado de inglês geral.

Palavras-chave: Avaliação; Viabilidade; STANAG 6001; QCE; Língua Inglesa.

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais de Infantaria (CFOInf) da Academia da Força Aérea (AFA).

² Cadete de Infantaria do 4º Esquadrão (Turma Orthrus, 2023).

* Doutora em Estudos Linguísticos pela UNESP, Mestre em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira e Graduada em Letras pela mesma instituição. Professora Adjunta de Língua Inglesa na Academia da Força Aérea.

Email: priscilapanchieta@gmail.com

ABSTRACT

In the current scenario of conflicts around the globe, it is a fact that combined military actions are becoming frequent. These types of operations occur when the component forces that are part of the activity are from different countries, those performed by intergovernmental organizations, such as the United Nations (UN) and the North Atlantic Treaty Organization (NATO). Therefore, Command and Control (C2) is essential for good performance and communication during actions. However, the component countries of these organizations usually do not have a common language, and it is necessary to establish an official language, which is often English. Likewise, it is necessary that the Armed Forces of the countries indoctrinate their military, mainly their future leaders, from the beginning of their training in the acquisition of a second language. In the Brazilian Air Force, the development of learning the English language in a technical way is constantly being improved. Furthermore, the present work seeks to carry out this bibliographical and documental analysis of the assess methods in the English course during the future air force officer's formation. With that, we compared two proficiency scales: The CEFR (currently used at AFA) and the STANAG 6001 in order to verify the feasibility of the STANAG 6001 guidelines use throughout the Air Force Academy's English course, aiming the improvement in the future air force officer's formation. Moreover, this article emphasized the resemblance between both scales analyzed and illustrated their purpose difference, having STANAG 6001 as a more professional bias then the CEFR, that focus on general English learning process.

Keywords: Assessment; Viability; STANAG 6001; CEF; English Language.

INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais globalizado, o estreitamento das distâncias é um fato que leva a necessidade da comunicação entre os indivíduos, sendo a língua inglesa a ferramenta base para realização desse processo. No Brasil, o meio militar é um dos cenários onde a utilização e a avaliação desse idioma são importantes na preparação de seus combatentes para a realização de operações combinadas (quando mais de um país está presente numa força de coalizão).

Para tanto, a FAB (Força Aérea Brasileira), em suas escolas de formação, prepara seus militares na disciplina de língua inglesa para que tenham a habilidade de se comunicar em diferentes contextos ao longo da carreira. Aulas de língua estrangeira e programas de intercâmbio são exemplos de ferramentas utilizadas para o aprimoramento do inglês como uma segunda língua.

O desenvolvimento da proficiência em Língua Inglesa (LI) está atrelado diretamente ao ambiente de atuação de cada indivíduo. Dessa forma, dentro do contexto de ensino e aprendizagem, é necessário que sejam estabelecidos quais objetivos deverão ser alcançados através de avaliações autênticas.

As avaliações autênticas – testes de desempenho são autênticos –, portanto, implicam tarefas envolventes, que valem a pena realizar, aplicadas em cenários realistas ou contendo simulações próximas às tarefas que acontecem na vida real, tanto em termos de tempo como de recursos (SCARAMUCCI, 2009, p.4).

Para elucidar esse excerto, podemos utilizar como exemplo o ensino de LI na AFA. Os diferentes instrumentos de avaliação que são utilizados nas disciplinas de LIN1³ a LIN8⁴ que abrangem as diferentes habilidades linguísticas, a utilização de seminários, entrevistas orais, plataformas online, dentre outros artefatos e instrumentos que são utilizados.

Segundo Della Rossa *et al.* (2016), deve-se levar em consideração o cenário no qual o aluno está inserido, realizando uma criteriosa análise de suas necessidades e interesses com o aprendizado de língua inglesa. Para que, assim, suas expectativas com o idioma sejam alcançadas. Ainda segundo Della Rossa *et al.* (2016), habilidades de produção, fala e escrita focadas e orientadas para suprir os requisitos particulares contribuem significativamente no desempenho dos aprendizes em seus contextos profissionais e/ou acadêmicos.

Estabelecendo como foco de análise a Força Aérea Brasileira (FAB), tem-se que a verificação de proficiência na língua inglesa é de grande importância para formação de seus oficiais para diferentes tarefas como: missões no exterior, *briefings* operacionais em operações combinadas, recepção de comitivas, leitura de documentos em LI.

É evidente que as ações combinadas, sejam elas operações reais ou adestramentos de tropas, estão crescendo constantemente nas forças armadas de diversos países, tais como as operações de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) e das ações da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Com isso, a realização da Comunicação e Controle (C2) entre as unidades, nesse âmbito de operações, em sua grande maioria são feitas na língua inglesa. Sendo assim, faz-se necessário a verificação do nível de proficiência linguística, por meio da aplicação prévia de testes de proficiência, por exemplo, daqueles militares que almejam participar de tais operações.

Segundo Brown (2005, p.3) um teste “é um método para medir a habilidade, o conhecimento ou o desempenho de uma pessoa em uma determinada área.” Posto isso, tem-se que a avaliação por meio de testes de proficiência é necessária para saber em qual nível se encontra o indivíduo avaliado.

Na Aeronáutica, a avaliação base realizada para a eleição de seus militares para missões no exterior é o Teste Diagnóstico em Idiomas Estrangeiros (TDIE).

³ Língua Inglesa 1.

⁴ Língua Inglesa 8.

Segundo a ICA 37-324 (2016),

O TDIE utiliza como parâmetros de avaliação os níveis de conhecimento linguístico propostos pelo “Marco Comum Europeu de Referência para Línguas: Ensino, Aprendizagem e Avaliação (MCER), 2001”, que foi desenvolvido pelo Conselho Europeu para fornecer um parâmetro para a elaboração de programas de ensino, diretrizes curriculares, provas e livros didáticos em idiomas estrangeiros (BRASIL, 2016, p.8).

Reduzindo o escopo para Aeronáutica, na Academia da Força Aérea (AFA), o cadete é formado de acordo com esses mesmos parâmetros do Quadro Comum Europeu. Sendo classificado a partir do seu rendimento no teste diagnóstico, o cadete tem o ensino de inglês pautado na progressão dessa proficiência ao longo dos quatro anos de academia, com auxílio de livros didáticos que respeitam os níveis do Quadro Comum e a abordagem comunicativa de ensino.

Embora esse quadro apresente descritores coerentes de avaliação na língua inglesa (de compreensão auditiva e leitora e de produção oral e escrita), acreditamos que, no que tange a avaliação de proficiência relacionada a oficiais da aeronáutica, por exemplo, poderiam ser utilizados descritores e contextos específicos, voltados para o ambiente militar.

Observa-se que o currículo é unificado para os três cursos: Infantaria, Intendência e Aviação, bem como possui o mesmo princípio aplicado à EPCAr (Escola Preparatória de Cadetes do Ar), cujo objetivo é ensinar a Língua Inglesa de acordo com o sistema de níveis do Marco Comum Europeu. Dessa forma, há uma carência da especificidade quanto à Língua voltada a cada um dos três cursos que possuímos na AFA (VIEIRA, 2020, p.3).

As particularidades desses cursos nos impulsionaram a examiná-los de forma mais específica. É importante destacar que, se desejamos utilizar um quadro de avaliação que aborde questões e cenários relacionados a contextos militares específicos, é necessário sugerir que as aulas incluam atividades que abranjam esses contextos, a fim de garantir que o sistema de avaliação esteja alinhado com o processo de ensino e aprendizagem.

Por outro lado, países signatários do Tratado do Atlântico Norte possuem um documento que rege a proficiência de seus militares na língua estrangeira com vistas à participação das ações da OTAN. A *Standardization Agreement n°6001* (STANAG 6001) estabelece os níveis necessários em cada aspecto da língua na qual deseja se especializar.

Dado o contexto da importância da língua inglesa no meio militar e seus diferentes meios de verificação de proficiência ao redor do globo, surgem dois questionamentos relacionados aos métodos de avaliação para o Cadete e Oficial da Aeronáutica. Sendo eles:

- a) Quais são as diferenças entre o Quadro Comum Europeu e a STANAG 6001?
- b) Seria viável a utilização da STANAG 6001 como instrumento de avaliação para os cadetes e oficiais da FAB?

Sendo assim, com intuito de responder a essas perguntas, o presente trabalho buscou realizar uma análise qualitativa dos dois quadros, relacionando-o com o nosso contexto militar.

Portanto, as análises foram embasadas teoricamente por documentos oficiais, pesquisas acadêmicas relacionadas ao ensino de língua inglesa na AFA e na avaliação de proficiência em língua inglesa. Com isso, tem-se que o objetivo principal foi contribuir para o aprimoramento do sistema de ensino e aprendizagem de língua inglesa da AFA. Com vistas a atingir o objetivo principal tem-se como objetivos específicos: caracterizar e descrever o que é o STANAG 6001, comparar o nivelamento feito pelo Quadro Comum e pelo STANAG 6001, e avaliar de acordo com o sistema de avaliação na AFA a viabilidade do uso do quadro padrão OTAN.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 STANAG 6001

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é uma aliança político-militar que foi formada em 1949, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Seu objetivo principal é promover a segurança e a defesa mútua de seus países membros, por meio da cooperação militar, política e econômica. Atualmente, a OTAN é composta por 30 países membros, incluindo os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Alemanha, França e Turquia.

Desde o começo, essa organização possuía uma carência de uma língua comum para facilitar o entendimento entre todos os seus membros. Além de facilitar o entendimento nas reuniões, documentações e comunicações, era também de suma importância que uma língua oficial existisse nos locais de trabalho que eram formados por indivíduos advindos de vários países membros (FERNANDES, 2008). Isso gerou a criação de requisitos mínimos na língua inglesa e francesa em

cada cargo da OTAN. Contudo, antes de 1976, não havia um documento oficial que estabelecesse os requisitos linguísticos para cada posição nos Estados-membros da OTAN. Isso significa que cada membro interpretava as competências linguísticas necessárias de forma diferente, sem um padrão comum a ser seguido.

A OTAN possui uma série de documentos com intuito de estabelecer padronizações nos âmbitos abordados. Esses documentos são frutos da contribuição de todos os países signatários para o aprimoramento da efetividade das ações combinadas realizadas pela organização e são chamados de *Standardization Agreement* (STANG).

Com a introdução do STANAG 6001 em 1976, um documento oficial que foi criado para estabelecer requisitos linguísticos comuns para todos os Estados-membros da OTAN, garantindo uma compreensão clara e consistente das competências linguísticas necessárias para cada posição.

O tratado ocorre da seguinte forma segundo documento STANAG (2010, p.4),

As nações participantes concordam em adotar a tabela de níveis de proficiência linguística com a finalidade de:

- a) Comunicar os requisitos de idioma para nomeações de funcionários internacionais.
- b) Registrar e relatar, em correspondência internacional, medidas de proficiência linguística.
- c) Comparar os padrões nacionais por meio de uma tabela padronizada, preservando o direito de cada nação de manter seus próprios padrões internos de proficiência.

Com isso, todos os países signatários do tratado da OTAN concordam e passam a seguir as seguintes normatizações propostas no STANAG 6001: utilizar essa tabela como uma referência comum para avaliar a proficiência linguística, usar a tabela de níveis de proficiência como uma forma de registrar e relatar a proficiência linguística em correspondência internacional como em contextos de intercâmbio acadêmico. Cada nação ainda pode manter seus próprios critérios e padrões de proficiência, mas a tabela padronizada fornece uma base comum para comparação e entendimento mútuo entre as nações participantes.

Segundo Cizer, (2020, p.2) (tradução nossa) ⁵

Estas normas foram estabelecidas para que todos os países da OTAN pudessem testar e certificar a proficiência linguística de seus militares e civis, que estão envolvidos em um amplo espectro das atividades da organização, como operações e exercícios

⁵ *These standards have been put forth so that all NATO countries could test and certify the language proficiency of their military and civilian personnel, who are involved in a large spectrum of the Alliance's activities such as international operations and exercises, in which linguistic interoperability is a condition for professional efficiency.*

internacionais, nos quais a interoperabilidade linguística é uma condição para a eficiência profissional.

Nota-se, portanto, que o objetivo desse documento não é substituir os instrumentos vigentes, mas, sim, aprimorar e especificar o nível de proficiência daqueles que buscam se especializar no inglês voltado para diferentes áreas profissionais em contextos militares.

1.2 NÍVEIS DO STANAG 6001

A escala de proficiência da *STANAG 6001* é descrita por meio de níveis. Segundo Cizer (2020, p.2) (tradução nossa), *STANAG 6001* é um conjunto de descritores padronizados que descrevem a performance em inglês em uma escala de 0 a 5, nas quatro habilidades linguísticas, ou seja, ouvir, falar, ler e escrever.⁶

Estes descritores estão dispostos em uma tabela e podem ser comparados com os demais quadros de avaliação aplicados para língua inglesa. Portanto, de acordo com o documento da OTAN (2010, p.5) (tradução nossa): Nível 0 – Sem proficiência; Nível 1 – Sobrevivente; Nível 2 – Funcional; Nível 3 – Profissional; Nível 4 – Especialista; Nível 5 – Nativo altamente articulado.⁷

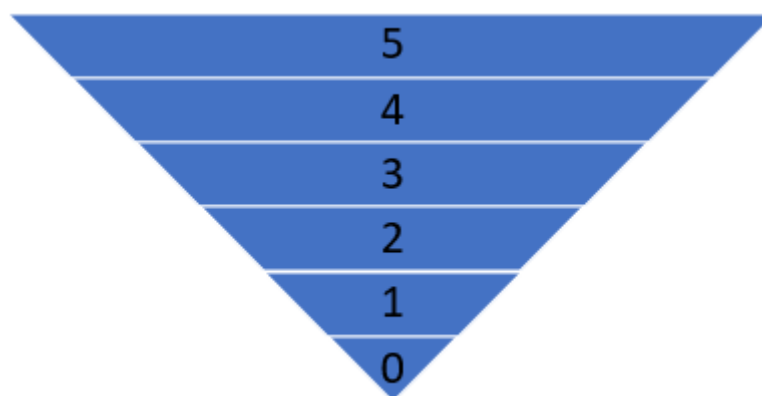


Figura 1 Níveis de Proficiência segundo o *STANAG 6001*

Fonte: Elaboração Própria.

⁶ Background. *STANAG 6001* is a set of standardized descriptors which outline a candidate's performance in English on a scale from 0 to 5, across the four language skills, namely listening, speaking, reading and writing.

⁷ The language proficiency skills described in Annex A are broken down into six levels coded 0 through 5. In general terms, skills may be defined as follows: Level 0 - No proficiency Level 1 - Survival Level 2 - Functional Level 3 - Professional Level 4 - Expert Level 5 - Highly-articulate native.

Como dito anteriormente, o STANAG 6001 divide os níveis de proficiência em uma escala numérica de 0 a 5, na qual, quando atribuído a um aluno, seu nível corresponde às capacidades nas aptidões linguísticas. Essas capacidades são divididas em quatro competências: compreensão auditiva, expressão oral, leitura e escrita. Todas essas habilidades são minuciosamente detalhadas e avaliadas separadamente em um quadro anexo do documento STANAG 6001 (FERNANDES, 2008).⁸

O documento da OTAN está organizado de tal forma que essas competências linguísticas (ouvir, falar, escrever e ler) correlacionados aos níveis possam gerar uma descrição do que se espera de um indivíduo alocado em determinado nível. Com isso, os perfis de proficiência são atribuídos utilizando uma sequência de quatro algarismos (com os indicadores de adição, quando necessários) em que cada algarismo representa uma área de competência linguística. Essas habilidades estão listadas na seguinte sequência: “L – Compreensão da Língua Falada (Listening); S – Expressão da Língua Falada (Speaking); R – Compreensão da Língua escrita (Reading); W- Expressão da Língua Escrita (Writing)” (STANAG, 2016)⁹.

Essa sequência numérica quando obtida ao final da avaliação será precedida pela sigla em inglês SLP (*Standardized Language Profile*) que indica que esse indivíduo está sendo avaliado pelo Perfil Linguístico Normalizado. Para melhor entender essa padronização atribuída às capacidades linguísticas de um sujeito de acordo com o que rege o STANAG 6001, pode-se atribuir o seguinte exemplo: SLP *English* 3332. Essa designação significa que o avaliado possui nível 3 de compreensão da língua falada, nível 3 de expressão da língua falada, nível 3 de compressão da língua escrita e nível 2 de expressão da língua escrita.

1.3 O QUADRO COMUM EUROPEU (CEFR)¹⁰

O Conselho Europeu é um órgão da União Europeia (UE) que é composto pelos chefes de estado ou governo dos países membros, bem como pelo presidente da Comissão Europeia. Ele é responsável por definir as prioridades políticas gerais da UE e por orientar a sua ação.

⁸ O extrato do documento referente a esse aspecto encontra-se na íntegra no anexo A do trabalho.

⁹ Vide anexo A

¹⁰ *Common European Framework of Reference*

O Conselho da Europa reconheceu que a existência de diferentes sistemas de ensino e avaliação de línguas na Europa dificultava a mobilidade e a cooperação em toda a UE. Como resultado, o Conselho da Europa convocou um grupo de especialistas para desenvolver um instrumento comum que pudesse ajudar a superar essas barreiras. O CEFR foi lançado em 2001 e, desde então, tem sido amplamente utilizado em toda a UE como uma referência comum para a aprendizagem e a avaliação de línguas estrangeiras.

No que se diz respeito aos quadros de avaliação de proficiência em língua inglesa, o CEFR é uma das maiores referências em todo globo. Segundo o Conselho europeu (2001), o objetivo do quadro é: “proporcionar uma base comum para a elaboração de programas de ensino de língua, bases curriculares, exames e livros-texto por toda a Europa”.

De acordo com Vilaça (2006, p.2), “O documento focaliza principalmente os conhecimentos e as competências necessárias ao desenvolvimento da competência comunicativa.”

Ainda segundo Vilaça (p.5),

Estes níveis classificam os alunos e usuários de uma língua como usuários básicos (*basic user*), usuários independentes (*independent user*) e usuários proficientes (*proficient user*). Estes níveis são respectivamente representados pelas letras A, B e C. O Quadro discute seis níveis (A1, A2, B1, B2, C1, C2).

O CEFR é destinado para a avaliação do inglês geral, o que significa que é um modelo abrangente que pode ser aplicado em diferentes contextos de uso da língua, como o inglês para negócios, o inglês acadêmico e inclusive o inglês para fins militares. Isso é possível porque o CEFR define habilidades e competências gerais da língua, independentemente do contexto de uso (COMPANION VOLUME, 2020, p.32).

Outra característica importante do CEFR é a sua natureza multicontextual, podendo ser aplicado em diferentes contextos, com diferentes objetivos e exigências linguísticas. Por exemplo, para um aluno do nível B2, o CEFR define habilidades linguísticas específicas, a saber, como se comunicar efetivamente em situações diversas, tanto formais quanto informais, utilizando uma variedade de estratégias linguísticas para manter uma conversa fluente e clara. Essas habilidades podem ser aplicadas em contextos diferentes como num briefing de uma operação militar conjunta.

Nota-se, portanto, que o CEFR possui uma abordagem mais abrangente e plurilíngua, dependendo assim da adequação do contexto a que se está buscando a proficiência na língua.

1.4 NÍVEIS DO QCE (QUADRO COMUM EUROPEU)

Um dos objetivos do Quadro Comum Europeu é auxiliar a descrever os níveis de proficiência requeridos pelos padrões, testes e exames existentes com o intuito de facilitar comparações entre diferentes sistemas de qualificações. Tendo isso em mente, o Conselho Europeu desenvolveu um esquema descritivo e os níveis de referência comuns.

Primeiramente, o esquema propõe uma divisão inicial ampla em três grandes níveis: A-usuário básico, B- usuário independente e C- usuário proficiente. Cada grande nível é subdividido em dois subgrupos representados pelos algarismos 1 e 2 em que, segundo essa divisão, o indivíduo menos proficiente do grande nível seja alocado no subgrupo 1 e o mais proficiente no subgrupo 2.

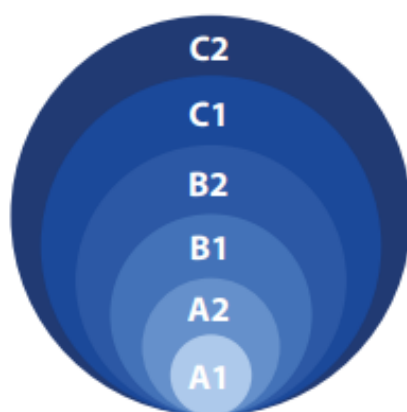


Figura 2 Níveis de referência comum

Fonte: CEFR *Companion Volume*, 2020

Para introduzir os níveis de referência comuns foram elaboradas três tabelas que têm o intuito de descrever a competência linguística do usuário em diferentes aspectos de cada nível supracitado. A primeira tabela denominada como escala global trata dos aspectos gerais dos níveis de referência comum. Essa tabela busca descrever as habilidades do usuário com base nas quatro competências linguísticas (compreensão da língua oral, compreensão da língua escrita, expressão da língua falada, expressão da língua escrita) para cada nível. Assim, segundo o CEFR (2020), com essa representação mais “global” torna-se mais fácil a compreensão dos usuários não especialistas e provê aos professores e elaboradores de currículos orientações para suas atividades. Como exemplo, tem-se que um indivíduo que se encontra no nível “A2” pode entender frases e expressões frequentemente usadas

relacionadas às áreas de maior relevância imediata (informações pessoais e familiares muito básicas, compras, geografia local, emprego).¹¹

A segunda tabela denominada de grade de autoavaliação busca resumir de forma simples os descritores de habilidades específicas com base nas quatro competências linguísticas. Esses descritores são úteis para que o usuário possa entender seu próprio progresso e, além disso, para os professores planejarem aulas e avaliações de acordo com as necessidades de seus alunos. Com isso, tem-se que essa tabela é uma ferramenta de auto avaliação para auxiliar os estudantes a traçar o perfil de suas principais habilidades na língua, e decidir em qual nível eles possam verificar os descritores dos seus níveis de proficiência. Como exemplo, tem-se que um indivíduo classificado como “B2”, com relação a habilidade linguística de *Listening*, pode entender o ponto principal de muitos programas de rádio ou TV sobre assuntos atuais ou tópicos de interesse pessoal ou profissional quando a entrega é relativamente lenta e clara.¹²

Por último, a terceira tabela¹³ descreve os aspectos qualitativos do uso da língua falada. É uma das ferramentas que compõem o CEFR e auxilia na descrição das competências linguísticas do usuário em um contexto plurilíngue. Os descritores que essa utiliza são: o rigor da língua falada, a fluência, a coerência, a precisão no uso da língua, capacidade de interação e flexibilidade. Com isso, ela fornece uma visão geral dos tipos de atividades que o usuário é capaz de realizar, como fazer uma apresentação, participar de uma conversa, escrever um e-mail, entre outras. A exemplo disso, tem-se que um estudante que se encontra no nível “B2”, no que tange a língua estrangeira falada, mostra um grau relativamente alto de controle gramatical, não cometendo erros que causam mal-entendidos, podendo corrigir a maioria dos mesmos.

Sendo assim, a abordagem do Quadro Europeu é mais ampla e multilíngue, levando em conta a adequação ao contexto em que se busca aprofundar a proficiência na língua.

1.4 CURSO DE LÍNGUA INGLESA NA AFA

O ensino de inglês em escolas de formação militar é de extrema importância, pois prepara os militares para lidar com situações em que é necessário se comunicar, seja em missões internacionais,

¹¹ Vide Anexo B.

¹² Vide anexo C.

¹³ Vide anexo D.

treinamentos com militares de outras nacionalidades, ou mesmo em situações de emergência em que é necessário estabelecer contato com organizações estrangeiras. Além disso, cada especialidade da formação militar requer de maneira singular um conhecimento de língua inglesa.

O curso de Inglês na Academia da Força Aérea (AFA) é uma disciplina presente e progressiva ao longo dos quatro anos de formação do cadete. Antes mesmo de ingressar na Academia, no exame de admissão, são exigidos conhecimentos equivalentes aos do nível B1 do QCE. Após admitido, o cadete estará submetido a seguinte progressão dentro dos níveis de conhecimento linguístico conforme a DCENS 15-C:

Tabela 1 Oferta e Progressão de Níveis na AFA.

Oferta de Níveis de LI na AFA				
Níveis de Ingresso	1º Esquadrão	2º Esquadrão	3º Esquadrão	4º Esquadrão
B1	B1	B2	B2	B2/C1

Fonte: DCENS 15-C, 2022.

Na Academia da Força Aérea, após o nivelamento prévio do idioma, o curso de inglês ministrado para os cadetes faz o uso do material didático conforme o documento do Comando da Aeronáutica (COMAER),

Tanto a EPCAR quanto a AFA deverão adotar livros didáticos que respeitem os níveis do MCER, levando em consideração a faixa etária dos alunos/cadetes e a metodologia utilizada em ambas as escolas (DCENS 15-C, 2022, p.10).

Ainda segundo o mesmo documento,

Partindo-se da premissa que a LI (Língua Inglesa) se tornou uma Língua Franca e que o militar deverá se comunicar naquele idioma, a EPCAR e a AFA deverão adotar obrigatoriamente a abordagem comunicativa para o seu ensino. Tal como preconiza essa abordagem, o ensino de LI deve abranger o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas (de compreensão auditiva e leitora e de produção oral e escrita), levando-se em consideração os itens necessários para a construção da linguagem (nos campos da gramática, vocabulário e pronúncia) (DCENS 15-C, 2022, p.10).

Com isso, as aulas no ensino de LI na AFA são voltadas para abordagem comunicativa. De forma abrangente, é trabalhado o inglês geral, ou seja, sem focar em um assunto ou área específica.

O objetivo do inglês geral é desenvolver as habilidades linguísticas necessárias para se comunicar efetivamente em diferentes contextos. Assim, as aulas abrangem e desenvolvem as quatro habilidades linguísticas seguindo as diretrizes do DECENS 15-C.

Sendo assim, o ensino de língua inglesa da AFA foca principalmente em uma abordagem comunicativa fazendo com o que o militar desenvolva capacidade de domínio do idioma.

1.5 AVALIAÇÃO DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA

Segundo Anchieta (2015), durante a evolução humana, indivíduos têm sido desafiados a demonstrar suas habilidades e competências em diferentes esferas da sociedade. Por exemplo, profissionais da área de educação frequentemente são submetidos a testes em concursos, avaliações de habilidades e entrevistas de emprego para confirmar suas qualificações.

No ensino de língua inglesa um dos principais meios de avaliação é feito por meio de testes de proficiência. Segundo Chomsky (1965), a competência linguística é definida como a capacidade de produzir e compreender a língua de forma nativa, ou seja, sem erros gramaticais ou de pronúncia.

Uma forma de se avaliar essa proficiência é através de testes padronizados que avaliam a habilidade do indivíduo em se comunicar na língua estrangeira. Em sua maioria, os testes são divididos em quatro aspectos: leitura, compreensão oral, expressão escrita e expressão oral. Como exemplo de testes que se utilizam desse modo de avaliação tem-se o TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*) e o IELTS (*International English Language Testing System*).

De acordo com Brown (2004), a avaliação de proficiência deve ser válida, confiável e justa, ou seja, deve medir com precisão a capacidade do indivíduo, ter consistência e equidade no processo de avaliação. Sendo assim, é preciso embasar esses métodos de avaliação segundo documentos redigidos por entidades legais e conceituadas nesse âmbito como é o caso das escalas do CEFR redigida pelo Conselho da Europa e da STANAG 6001 redigida pela OTAN.

Para elucidar a utilização desses quadros, a AFA se vale do CEFR como referência para avaliação das atividades de LI. Isso ocorre, pois, a instituição trabalha o inglês geral e conseqüentemente as tarefas planejadas para os alunos avaliam o inglês geral. Dado que estamos imersos em um contexto específico de formação, acreditamos que contextos militares poderiam ser incorporados às aulas de língua inglesa durante o período de formação. Além disso, a tabela STANAG poderia ser utilizada como base para a interpretação dos dados de vários instrumentos de avaliação que são aplicados ao longo do curso.

Portanto, um aspecto que se deve levar em consideração ao realizar uma avaliação é o seu foco. Sendo assim, com a ótica no meio militar, a comunicação em língua inglesa pode ajudar a ampliar a compreensão cultural e aumentar a consciência internacional dos militares, permitindo-lhes melhorar a cooperação com militares de outros países e compreender melhor as nuances da diplomacia internacional.

1.6 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA AFA E TESTES DE PROFICIÊNCIA

Durante o curso de língua inglesa, são utilizados vários instrumentos de avaliação que contribuem para uma avaliação global do cadete e no final de cada ano é aplicado o TDIE com intuito de mensurar o desenvolvimento da proficiência dos alunos ao longo do processo.

A avaliação feita pelo curso de língua inglesa na AFA faz parte do último bloco de carga horária disposta para matéria.

Além das avaliações feitas durante os tempos de aula que contemplam as quatro habilidades linguísticas, ao final de cada ano de formação, é aplicado O Teste Diagnóstico em Idiomas Estrangeiros (TDIE). Como é postulado na ICA 37-324 (2020, p.6),

O TDIE utiliza como parâmetros de avaliação os níveis de conhecimento linguístico propostos pelo “Marco Comum Europeu de Referência para Línguas: Ensino, Aprendizagem e Avaliação (MCER), 2001”, que foi desenvolvido pelo Conselho Europeu para fornecer um parâmetro para a elaboração de programas de ensino, diretrizes curriculares, provas e livros didáticos em idiomas estrangeiros.

Ainda segundo a ICA 37-324 (2020, p.10),

As competências pragmáticas, que definem o que o avaliado é capaz de fazer naquele determinado subnível, foram adaptadas do MCER. Os conhecimentos vocabular e gramatical foram adaptados de livros didáticos que se baseiam no MCER e de gramáticas de nível básico e intermediário.

Dessarte, nota-se que o TDIE e as avaliações ocorridas ao longo do curso de inglês na AFA seguem os critérios propostos pelo quadro comum europeu sendo abrangentes e focados numa abordagem comunicativa, inculcando assim no cadete o desenvolvimento do inglês como língua franca.

2 MÉTODOS DE ANÁLISE DO OBJETO DE ESTUDO

Este trabalho buscou desenvolver uma análise documental e bibliográfica do atual curso de inglês aplicado durante a formação dos oficiais da aeronáutica (DCENS 15-C, 2022) e verificou a viabilidade da utilização do STANAG 6001 (2010) como referência na avaliação de LI para os cadetes da Academia da Força Aérea (AFA). Ademais, foi realizado um levantamento bibliográfico quanto ao ensino de línguas com foco no ambiente militar de missões e operações combinadas.

Além disso, o presente artigo possuiu cunho qualitativo. Com isso, fez-se necessário discorrer sobre o que é a pesquisa qualitativa. Esse tipo de abordagem busca analisar os micros processos por meio de um estudo das ações sociais através de um exame de dados (Martins, 2004). Portanto, estar-se-á mais focado no caráter subjetivo e não no dado propriamente dito.

Visando o processo qualitativo, foi feita uma análise documental. Segundo Kprika (2015), a pesquisa documental consiste num exame de diversos materiais que ainda não sofreram nenhum trabalho de análise, buscando-se outras interpretações ou informações complementares, chamados de documentos.

Ademais, também se fez necessária a utilização de uma análise interpretativista para levantamento teórico sobre os temas que embasaram a discussão. Adotar uma abordagem interpretativista implica que o pesquisador busque compreender a realidade por meio da interpretação das perspectivas e significados atribuídos pelos atores envolvidos. Essa abordagem considera que sujeito e objeto estão interligados, e que o conhecimento gerado é subjetivo e contextualizado à situação de pesquisa (Cruz e Pedrozo, 2008).

Para realização dessa análise, foi desenvolvida primeiramente uma descrição e posteriormente uma comparação entre as diretrizes pautadas no Quadro Comum Europeu (CEFR) e o STANAG 6001, buscando, assim, suas maiores diferenças, semelhanças e levantando como são desenvolvidas a avaliação e a classificação dos resultados de acordo com cada documento.

Por fim, após a apuração de todas essas informações, foi feita uma análise crítico-descritiva quanto à viabilidade da utilização do quadro de proficiência de língua inglesa baseado nas diretrizes da STANAG 6001, para os cadetes da AFA, e de que modo a utilização do STANAG poderá contribuir para o sistema de ensino de LI na AFA. Portanto, analisando essa viabilidade será possível abrir novas possibilidades nos métodos de avaliação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS

3.1 CORRELAÇÃO ENTRE AS ESCALAS DE PROFICIÊNCIA: STANAG 6001 E CEFR

O STANAG 6001 *Proficiency Language Levels* é a escala de proficiência em línguas utilizada em toda a OTAN, mas não é amplamente conhecida ou reconhecida fora da aliança. A escala de proficiência em línguas mais comumente utilizada nos sistemas educacionais civis não somente Europa, mas em todo globo é o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR). Dada suas características, essas escalas podem ser comparadas, porém possuem características intrínsecas que as diferem em sua concepção e fins para as quais foram criadas.

O BILC (*Bureau for International Language Coordination*) que é um órgão intergovernamental criado pelo conselho da Europa para promover e coordenar o ensino e o uso de línguas estrangeiras realizou um estudo investigando a possibilidade do estabelecimento de equivalências entre os sistemas de teste e certificação baseados no STANAG 6001 e aqueles baseados nos padrões civis do CEFR. Após estudos foi concluído que há questões técnicas substanciais que dificultam comparações precisas entre as certificações STANAG 6001 e as certificações civis e vice-versa (BILC, 2016, p.1) (tradução nossa)¹⁴. Com base nesses estudos e na análise documental, fizemos as comparações entre os níveis e descritores das habilidades linguísticas de cada escala.

¹⁴ *There are substantive technical issues which prohibit accurate comparisons of STANAG 6001 certifications with civilian certifications and vice versa.*

Quadro 1 Comparação das escalas de proficiência¹⁵

Scales		
STANAG 6001 NATO & BILC:	CEF: <i>Common European Framework</i> COE: <i>Council of Europe</i>	
5 Native/bilingual	_____	_____
4 Fully Professional	C2 Mastery	<i>Proficient User</i>
	C1 Effective Operational	
3 Minimum Professional	B2+ Vantage +	<i>Independent User</i>
	B2 Vantage	
2 Limited Working	B1+ Threshold+	
	B1 Threshold	
1 Elementary	A2+ Waysatge+	<i>Basic User</i>
	A2 Waystage	
0 Unscaled	A1 Breakthrough	

Fonte: *English Language Consultancy*, 2015.

¹⁵ Disponível em: <http://elcuk.co.uk/wp-content/uploads/2015/06/CEF-JFLT-level.pdf>.

Levando em consideração o quadro comparativo acima, é evidente que há uma dificuldade em estabelecer uma equivalência entre ambas escalas, pois o STANAG 6001 abrange uma área maior com relação as habilidades linguísticas. Tendo isso em vista, inevitavelmente há uma sobreposição em que determinado nível STANAG 6001 corresponde a pelo menos dois níveis do CEFR, e vice-versa, mais de um nível do CEFR pode se encaixar em um nível STANAG 6001 específico (BILC, p.3, 2016) (tradução nossa).¹⁶

Contudo, tem-se que ambas as escalas podem ser comparadas e alinhadas. No âmbito de níveis de proficiência, por exemplo, o STANAG 6001 e o CEFR possuem características em comum: ambas escalas apresentam um sistema de hierarquia de desenvolvimento linguístico (o STANAG com seus níveis de zero a cinco, e o CEFR com a divisão de A1 até C2); ambas escalas usam descritores baseados nas quatro habilidades linguísticas para estabelecer a hierarquia entre os níveis¹⁷; e em suas descrições, ambas escalas expõem explicações do tipo “pode-faz”¹⁸.

Dessa maneira, como forma de elucidar essa similaridade, tem-se o descritor da habilidade de *Listening* de ambas escalas nos níveis equivalentes. Segundo o STANAG 6001 (2016) (tradução nossa) um aluno nível três,

Pode acompanhar com precisão o essencial de conversas entre falantes nativos, palestras sobre assuntos gerais e campos de competência específicos, chamadas telefônicas razoavelmente claras e transmissões de midiáticas. [...] Demonstra compreensão de conceitos abstratos na discussão de tópicos complexos (que podem incluir economia, cultura, ciência, tecnologia) e também em sua área profissional (NATO, 2016, p.16).¹⁹

Similarmente, segundo o CEFR (2020) (tradução nossa) um aluno nível B2,

Pode compreender discursos e palestras longos e acompanhar até mesmo linhas de argumentação complexas, desde que o assunto seja razoavelmente familiar. Pode compreender a maioria dos programas de notícias e assuntos atuais de TV. Pode

¹⁶ *It would unavoidably result in an overlap where a certain STANAG 6001 level corresponds with at least two levels of the CEFR, and conversely, more than one CEFR level may fit in one particular STANAG 6001 level.*

¹⁷ Vide anexos A e C.

¹⁸ *can-do statements.*

¹⁹ *Can follow accurately the essentials of conversations among educated native speakers, lectures on general subjects and special fields of competence, reasonably clear telephone calls, and media broadcasts. [...] Demonstrates understanding of abstract concepts in discussion of complex topics (which may include economics, culture, science, technology) as well as his/her professional field.*

compreender a maioria dos filmes em dialeto padrão (COMPANION VOLUME, 2020, p.177).²⁰

Em consonância com esses excertos, com relação a habilidade linguística *Speaking*, o documento STANAG 6001 (tradução nossa) estabelece que um aluno do nível 3:

Pode usar o idioma para realizar tarefas profissionais comuns, como responder a objeções, esclarecer pontos, justificar decisões, responder a desafios, apoiar opiniões, estabelecer e defender políticas. Pode demonstrar competência linguística ao conduzir reuniões, realizar apresentações ou outros monólogos extensos e elaborados, fazer hipóteses e lidar com assuntos e situações desconhecidos. [...] A pronúncia pode ser claramente estrangeira. Erros podem ocorrer em estruturas de baixa frequência ou altamente complexas, características de um estilo formal de fala (NATO, 2016, p.18)²¹.

Da mesma forma, de acordo com o CEFR (tradução nossa) um aluno nível B2 com relação ao *Speaking*,

Pode interagir com um grau de fluência e espontaneidade que torna possível uma interação regular com falantes nativos. Pode participar ativamente de discussões em contextos familiares, explicando e sustentando minhas opiniões. Pode apresentar descrições claras e detalhadas sobre uma ampla gama de assuntos relacionados ao seu campo de interesse. Pode explicar um ponto de vista sobre uma questão atual, dando as vantagens e desvantagens de várias opções (COMPANION VOLUME, 2020, p.72)²².

É notável que as explicações são similares e buscam evidenciar para o aluno o que ele consegue/pode ou não realizar dentro do seu nível. Além disso, os outros descritores relacionados as demais habilidades linguísticas de ambas escalas possuem a mesma similaridade dentro dos seus respectivos níveis²³.

²⁰ *Can understand extended speech and lectures and follow even complex lines of argument provided the topic is reasonably familiar. I can understand most TV news and current affairs programs. I can understand the majority of films in standard dialect.*

²¹ *Can use the language to perform such common professional tasks as answering objections, clarifying points, justifying decisions, responding to challenges, supporting opinion, stating and defending policy. Can demonstrate language competence when conducting meetings, delivering briefings or other extended and elaborate monologues, hypothesizing, and dealing with unfamiliar subjects and situations. [...] Pronunciation may be obviously foreign. Errors may occur in low frequency or highly complex structures characteristic of a formal style of speech.*

²² *Can interact with a degree of fluency and spontaneity that makes regular interaction, and sustained relationships with users of the target language, quite possible without imposing strain on either party. Can highlight the personal significance of events and experiences, and account for and sustain views clearly by providing relevant explanations and arguments.*

²³ Vide anexos A e C.

Entretanto, uma comparação compreensiva das duas estruturas, STANAG e CEFR, deve ir além dos da equiparação das explicações dos descritores de níveis (Clifford, 2012, p.49) (tradução nossa)²⁴. É preciso também levar em consideração as bases teóricas e os contextos em que cada escala é usada (Green, 2012, p.84) (tradução nossa)²⁵ para que se possa compreender as principais diferenças entre essas escalas.

A escala do CEFR é primariamente uma ferramenta criada para fornecer uma base comum para descrição e avaliação da competência em línguas estrangeiras, destinadas para alunos e professores. O CEFR não foi concebido como um projeto metódico e não prescreve métodos estritos para o ensino de línguas pois foca no ensino de inglês geral. No entanto, os usuários são livres para adaptar o ensino da língua para o seu contexto específico. Por outro lado, o STANAG 6001 foi criado com o objetivo de estabelecer requisitos para o *staff* internacional da OTAN, e destinado para seus trabalhadores e outros usuários-alvo (comandantes militares, gestores de pessoal e entre outros). Apesar de também possuir seus descritores abrangendo diversos contextos, o STANAG 6001 é predominantemente usado para avaliação da língua estrangeira para propósitos mais profissionais, principalmente na área militar.

Essa diferença nos propósitos de cada escala é refletida na forma com a qual ambas escalas são operacionalizadas. Podemos exemplificar isso com o STANAG 6001 e o ambiente militar no qual ele, na maioria das vezes, está inserido. Como no meio militar a segurança e defesa são pilares imprescindíveis, dentro de um contexto de uma operação combinada, a falta de precisão na comunicação e controle (C2) entre os militares pode levar a uma missão falha e até mesmo a perda de vidas. Portanto, cada nível do STANAG 6001 constitui os requisitos de proficiência para esses militares com seus limites muito bem definidos, delimitando o que se efetivamente consegue ou não realizar na língua estrangeira em cada nível.

Por outro lado, O CEFR não possui essa preocupação, uma vez que foi construído com um intuito diferente. A característica principal dessa escala é sua flexibilidade, para que se possa adaptar para os mais variados contextos de ensino da língua. Com isso, com o intuito de estabelecer essa característica para que se possa adaptar nos mais variados contextos, os limites entre os níveis do CEFR são mantidos propositalmente vagos (LOWE, 2012, p.99) (tradução nossa).²⁶

²⁴ *A comprehensive comparison of both frameworks will need to go beyond the alignment of similar statements in the level descriptions.*

²⁵ *It would need to take into account the theoretical bases for the schemes and the contexts in which they are used.*

²⁶ *In order to make the framework flexible enough to be adapted for use in various instructional and work-related settings, the boundaries between CEFR levels are purposely kept vague.*

Em resumo, o CEFR pode ser tratado como uma estrutura com multipropósitos no âmbito do ensino de línguas, enquanto o STANAG 6001 é constituído por escalas fixas com seus limites bem definidos a fim de aumentar a precisão da medição da proficiência no contexto profissional específico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou verificar a viabilidade do uso do STANAG 6001 no sistema de ensino-aprendizagem de LI, visando o aperfeiçoamento do sistema de ensino da língua estrangeira do Curso de Formação de Oficiais (CFO) da AFA. De acordo com as análises aqui expostas, é possível verificar que os quadros de proficiência em LI, dependendo do contexto no qual são inseridas, podem ter modificações na forma com que são operacionalizadas.

Posto isso, descrevemos ambos os quadros bem como seus objetivos. O CEFR é um quadro padrão internacional desenvolvido pelo Conselho da Europa para descrever e avaliar as habilidades linguísticas em diferentes idiomas com foco no ensino de maneira geral. O STANAG 6001 também é quadro de descritores que foram estabelecidos pela OTAN para avaliar e padronizar as habilidades linguísticas dos membros militares da aliança. O objetivo principal desse quadro é fornecer um sistema uniforme para avaliar e certificar as habilidades linguísticas dos militares em diferentes idiomas.

Com isso, é preciso considerar os propósitos da avaliação e a importância de se adotar instrumentos coerentes. Buscando o aprimoramento desses aspectos no sistema de ensino e também nas habilidades linguísticas, acreditamos que uma avaliação positiva é aquela que causa um efeito retroativo benéfico, que contribua para reflexão das habilidades que precisam ser otimizadas, as lacunas existentes e o aprimoramento do sistema como um todo.

Constatar que a utilização atual do CEFR como base de referência bem como um instrumento de avaliação de LI na AFA é coerente uma vez que é também utilizada uma abordagem comunicativa.

Ambos documentos possuem aspectos semelhantes com relação à abordagem comunicativa. Dessa forma, a nossa indicação de utilização do STANAG 6001 é justificada, pois além de dialogar com contexto de ensino e aprendizagem de LI da AFA, está-se trabalhando num viés profissional, ou seja, o público alvo da AFA, os cadetes, tem como unanimidade a formação profissional militar.

Visto que, na AFA, os cadetes estão em um ambiente não somente militar, mas também profissional, os mesmos são formados para atuar diretamente nos contextos específicos de cada

quadro (Aviação, Intendência e Infantaria). Ademais, tem-se a importância no ensino de inglês uma vez que os militares atuam em contextos complexos de interação na LI como negociações diplomáticas e operações combinadas. Com isso, acreditamos que a escala estabelecida no STANAG 6001 possa contribuir diretamente para o sistema de ensino e avaliação de LI na AFA. Desse modo, no ambiente da força aérea, o oficial poderá se aprimorar e buscar níveis de proficiência mais elevados conforme as necessidades e tarefas a serem cumpridas.

Nosso intuito foi o de apresentar novas possibilidades visando um aprimoramento do ensino e da avaliação da LI. Desse modo, indicamos, para futuros trabalhos, a análise da utilização de testes aplicados no meio militar que se valem do STANAG 6001 com vias a compreender-se a utilização desses testes seria viável para o sistema de ensino e aprendizagem de LI da AFA.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, Priscila Petian. **Relações entre o construto e as características do teste escrito do EPPLE eletrônico: um processo de validação**. 2015. 255 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2015. Disponível em : <<http://hdl.handle.net/11449/138438>>. Acesso em: 5 mai. 2023.
- BISSACO, Cristiane Magalhães. **Pós-método: O importante papel da reflexão do professor nas escolhas em sala de aula**. Cascavel/PR: Travessias, 2015.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Portaria DEPENS nº 379/DE-1, de 30 de junho de 2016. **Teste Diagnóstico em Idiomas Estrangeiros (ICA 37-324)**. Boletim do Comando da Aeronáutica, Brasília, n. 110. Brasília, DF, 2016.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Portaria DIRENS Nº 333/DPL, 2017. **DECENS 15-C: Alinhamento Gerencial e Metodológico do Ensino de Língua Inglesa na EPCAR e AFA**. Boletim do Comando da Aeronáutica, Brasília, n. 174, 9 de outubro de 2017. Brasília, DF, 2022.
- BROWN, J. D. Performance assessment: existing literature and directions for research. **Second Language Studies**, Honolulu, v. 22, n. 2, p. 91-139, 2004.
- Bureau for International Language Co-ordination. **BILC Policy Recommendation on the Portability of STANAG 6001 Language Certifications**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.natobilc.org/en/products/policy-documents-bilc-documents/>>. Acesso em: 10 mai. 2023.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Massachusetts: The Mit Press, 2014.
- CIZER, Laura Diana. Exploiting the learning resources offered by the Online Multimedia Module for Practicing Speaking Skills in English. Focus on STANAG 6001 Level 2. A practical demonstration. **Scientific Bulletin of Naval Academy**, v. XXIII, n. 2, p. 141-145, 2020.
- CLIFFORD, R. T. It is Easier to Malign Tests Than It is to Align Tests. **Aligning Frameworks of Reference in Language Testing**, p. 49-56, 2012.
- Council of Europe Language Policy Portal - Language policy - www.coe.int**. Disponível em: <<https://www.coe.int/en/web/language-policy/home>>. Acesso em: 1 mai. 2023.
- CRUZ, Luciano Barin; PEDROZO, Eugenio Avila. Pesquisas de concepção como uma alternativa para o campo da estratégia. RAM, **Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo , v. 9, n. 4 jun. 2008 .
- DELLA ROSA, S. F. P. KAWACHI-FURLAN, C. J.; AUGUSTO-NAVARRO, E. H. Inglês para propósitos específicos (IPE): características e tendências atuais de ensino. **Revista Entre Línguas**, Araraquara, SP, v. 2, n. 1, p. 25-40, 2016.

EVANS, T. D. *Developments in English for Specific Purposes A Multi-Disciplinary Approach*. Cambridge: Cambridge Press, 1998.

FERNANDES, V. *A Aprendizagem da Língua Inglesa na Academia Militar*. [s.l.] Academia Militar. Direção de Ensino, 2008.

FERREIRA, Rieger Alves. **Possíveis deficiências do ensino de Língua Inglesa na Academia da Força Aérea**. 2014. 37 p. Pirassununga, SP. Disponível em: https://redebia.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=28792. Acesso em: 16 set. 2022.

GREEN, A. CEFR and ACTFL Crosswalk: A Text Based Approach. **Aligning Frameworks of Reference in Language Testing**, p. 83–92, 2012.

HELOISA, H. T.; DE, S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 5 mai. 2023.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **CIAIQ2015**, v. 2, 2015.

LOWE, P., Jr. Understanding “Hidden Features” of the ACTFL Speaking Guidelines as an Intermediate Step to Comparing the ACTFL Guidelines and the CEFR for Speaking Assessment. **Aligning Frameworks of Reference in Language Testing**, p. 93–106, 2012.

MARTINS, H. H. T. DE S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289–300, 2004.

NATO. NATO Standardization Office (NSO). STANAG 6001. **A TrainP-5 Language Proficiency Levels**. 2016.

NATO. NATO Standardization Office (NSO). **Standardization Agreement 6001 (5th Edition)**. 2014.

PILATTI, Andriele. DOS SANTOS, Maria Elizabete Mariano. **O domínio da língua inglesa como fator determinante para o sucesso profissional no mundo globalizado**. Passo Fundo/RS: Revista do Secretariado Executivo, 2008.

PIMENTEL SIQUEIRA, D. S.; ROCHA ALVES, P. C. **Linguística Aplicada: da antiga às novas bases para o ensino de língua inglesa**. Universidade do Estado da Bahia. 2016.

SCARAMUCCI, M. V. R. **Avaliação da leitura em inglês como língua estrangeira e validade de construto**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 7, n. 1, p. 30–48, 3 abr. 2009.

SCARAMUCCI, M. V. R. **Avaliação de proficiência: valores culturais e consequências sociais**. Universidade de Campinas, 22 ago. 2009.

SOUZA, Marcio Simião de. **Análise do processo de habilitação na Língua Inglesa, visando às Operações de Paz da Organização das Nações Unidas**. 2017. 26 f. Monografia (Curso de

Comando e Estado-Maior) -Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, Universidade da Força Aérea, Rio de Janeiro, 2017., Rio de Janeiro. Disponível em: https://redebias.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=63913. Acesso em: 16 set. 2022.

The CEFR levels - Common European Framework of Reference for Languages (CEFR) - www.coe.int. Disponível em: <<https://www.coe.int/en/web/common-european-framework-reference-languages/level-descriptions>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

VIEIRA, Pedro Henrique Sanches. **O desenvolvimento de atividades práticas em Língua Inglesa para a formação do Oficial de Infantaria da Academia da Força Aérea.** 2020. 41 p. Pirassununga, SP. Disponível em: https://redebias.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=78097. Acesso em: 14 set. 2022.

VILAÇA, M. L. C. Conhecendo o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas: Fundamentos, Objetivos e Aplicações. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 5, n. 17, 8 jun. 2006.

ANEXO A – EXTRATO DO STANAG 6001

Reproduzido *ipsis literis* da "BILC Policy Recommendation on the Portability of STANAG 6001 Language Certifications", de autoria do Bureau for International Language Co-ordination.

LISTENING COMPREHENSION

Level 0 - No proficiency
No practical understanding of the spoken language. Understanding is limited to occasional isolated words. No ability to comprehend communication.
Level 1 – Survival
Can understand common familiar phrases and simple short sentences about everyday needs related to personal and survival areas such as minimum courtesy, travel and workplace requirements when the communication situation is clear and supported by context. Can understand concrete utterances, simple questions and answers, and very simple conversations. Topics include basic needs such as meals, lodging, transportation, time, simple directions and instructions. Even native speakers used to speaking with non-natives must speak slowly and repeat or reword frequently. There are many misunderstandings of both the main idea and supporting facts. Can only understand spoken language from the media or among native speakers if content is completely unambiguous and predictable.
Level 2 - Functional
Sufficient comprehension to understand conversations on everyday social and routine job-related topics. Can reliably understand face-to-face speech in a standard dialect, delivered at a normal rate with some repetition and rewording, by a native speaker not used to speaking with non-natives. Can understand a wide variety of concrete topics, such as personal and family news, public matters of personal and general interest, and routine work matters presented through descriptions of persons, places and things; and narration about current, past and future events. Shows ability to follow essential points of discussion or speech on topics in his/her special professional field. May not recognize different stylistic levels, but recognizes cohesive devices and organizing signals for more complex speech. Can follow discourse at the paragraph level even when there is considerable factual detail. Only occasionally understands words and phrases of statements made in unfavourable conditions (for example, through loudspeakers outdoors or in a highly emotional situation). Can usually only comprehend the general meaning of spoken language from the media or among native speakers in situations requiring understanding of specialized or sophisticated language. Understands factual content. Able to understand facts but not subtleties of language surrounding the facts.
Level 3 - Professional

<p>Able to understand most formal and informal speech on practical, social, and professional topics, including particular interests and special fields of competence. Demonstrates, through spoken interaction, the ability to effectively understand face-to-face speech delivered with normal speed and clarity in a standard dialect. Demonstrates clear understanding of language used at interactive meetings, briefings, and other forms of extended discourse, including unfamiliar subjects and situations. Can follow accurately the essentials of conversations among educated native speakers, lectures on general subjects and special fields of competence, reasonably clear telephone calls, and media broadcasts. Can readily understand language that includes such functions as hypothesizing, supporting opinion, stating and defending policy, argumentation, objections, and various types of elaboration. Demonstrates understanding of abstract concepts in discussion of complex topics (which may include economics, culture, science, technology) as well as his/her professional field. Understands both explicit and implicit information in a spoken text. Can generally distinguish between different stylistic levels and often recognizes humor, emotional overtones, and subtleties of speech. Rarely has to request repetition, paraphrase, or explanation. However, may not understand native speakers if they speak very rapidly or use slang, regionalisms, or dialects</p>
<p>Level 4 - Expert</p>
<p>Understands all forms and styles of speech used for professional purposes, including language used in representation of official policies or points of view, in lectures, and in negotiations. Understands highly sophisticated language including most matters of interest to well-educated native speakers even on unfamiliar general or professional-specialist topics. Understands language specifically tailored for various types of audiences, including that intended for persuasion, representation, and counselling. Can easily adjust to shifts of subject matter and tone. Can readily follow unpredictable turns of thought in both formal and informal speech on any subject matter directed to the general listener. Understands utterances from a wide spectrum of complex language and readily recognizes nuances of meaning and stylistic levels as well as irony and humor. Demonstrates understanding of highly abstract concepts in discussions of complex topics (which may include economics, culture, science, and technology) as well as his/her professional field. Readily understands utterances made in the media and in conversations among native speakers both globally and in detail; generally, comprehends regionalisms and dialects.</p>
<p>Level 5- Highly-articulate native</p>
<p>Comprehension equivalent to that of the well-educated native listener. Able to fully understand all forms and styles of speech intelligible to the well-educated native listener, including a number of regional dialects, highly colloquial speech, and language distorted by marked interference from other noise.</p>

SPEAKING

Level 0 - No proficiency
Unable to function in the spoken language. Oral production is limited to occasional isolated words such as greetings or basic courtesy formulae. Has no communicative ability.
Level 1 – Survival
Able to maintain simple face-to-face communication in typical everyday situations. Can create with the language by combining and recombining familiar, learned elements of speech. Can begin, maintain and close short conversations by asking and answering short simple questions. Can typically satisfy simple, predictable, personal and accommodation needs; meet minimum courtesy, introduction, and identification requirements; exchange greetings; elicit and provide predictable, skeletal biographical information; communicate about simple routine tasks in the workplace; ask for goods, services, and assistance; request information and clarification; express satisfaction, dissatisfaction, and confirmation. Topics include basic needs such as ordering meals, obtaining lodging and transportation, shopping. Native speakers used to speak with non-natives must often strain, request repetition and use real-world knowledge to understand this speaker. Seldom speaks with natural fluency, and cannot produce continuous discourse, except with rehearsed material. Nonetheless, can speak at the sentence level and may produce strings of two or more simple, short sentences joined by common linking words. Frequent errors in pronunciation, vocabulary, and grammar often distort meaning. Time concepts are vague. May often use only one tense or tend to avoid certain structures. Speech is often characterized by hesitations, erratic word order, frequent pauses, straining and groping for words (except for routine expressions), ineffective reformulation, and self-corrections.
Level 2 - Functional
Able to communicate in everyday social and routine workplace situations. In these situations, the speaker can describe people, places, and things; narrate current, past and future activities in complete, but simple paragraphs; state facts; compare and contrast; give straightforward instructions and directions; ask and answer predictable questions. Can confidently handle most normal, casual conversations on concrete topics such as job procedures, family, personal background and interests, travel, current events. Can often elaborate in common daily communicative situations, such as personal and accommodation-related interactions; for example, can give complicated, detailed, and extensive directions and make non-routine changes in travel and other arrangements. Can interact with native speakers not used to speaking with non-natives, although natives may have to adjust to some limitations. Can combine and link sentences into paragraph-length discourse. Simple structures and basic grammatical relations are typically controlled, while more complex structures are used inaccurately or avoided. Vocabulary use is appropriate for high frequency utterances but unusual or imprecise at other times. Errors in pronunciation, vocabulary, and grammar may sometimes

distort meaning. However, the individual generally speaks in a way that is appropriate to the situation, although command of the spoken language is not always firm.

Level 3 - Professional

Able to participate effectively in most formal and informal conversations on practical, social and professional topics. Can discuss particular interests and special fields of competence with considerable ease. Can use the language to perform such common professional tasks as answering objections, clarifying points, justifying decisions, responding to challenges, supporting opinion, stating and defending policy. Can demonstrate language competence when conducting meetings, delivering briefings or other extended and elaborate monologues, hypothesizing, and dealing with unfamiliar subjects and situations. Can reliably elicit information and informed opinion from native speakers. Can convey abstract concepts in discussions of such topics as economics, culture, science, technology, philosophy as well as his/her professional field. Produces extended discourse and conveys meaning correctly and effectively. Use of structural devices is flexible and elaborate. Speaks readily and in a way that is appropriate to the situation. Without searching for words or phrases, can use the language clearly and relatively naturally to elaborate on concepts freely and make ideas easily understandable to native speakers. May not fully understand some cultural references, proverbs, and allusions, as well as implications of nuances or idioms, but can easily repair the conversation. Pronunciation may be obviously foreign. Errors may occur in low frequency or highly complex structures characteristic of a formal style of speech. However, occasional errors in pronunciation, grammar or vocabulary are not serious enough to distort meaning, and rarely disturb the native speaker.

Level 4 - Expert

Uses the language with great precision, accuracy, and fluency for all professional purposes including the representation of an official policy or point of view. Can perform highly sophisticated language tasks, involving most matters of interest to well-educated native speakers, even in unfamiliar general or professional-specialist situations. Can readily tailor his/her use of the language to communicate effectively with all types of audiences. Demonstrates the language skills needed to counsel or persuade others. Can set the tone of both professional and non-professional verbal exchanges with a wide variety of native speakers. Can easily shift subject matter and tone and adjust to such shifts initiated by other speakers. Communicates very effectively with native speakers in situations such as conferences, negotiations, lectures, presentations, briefings, and debates on matters of disagreement. Can elaborate on abstract concepts and advocate a position at length in these circumstances. Topics may come from such areas as economics, culture, science, and technology, as well as from his/her professional field. Organizes discourse well, conveys meaning effectively, and uses stylistically appropriate discourse features. Can express nuances and make culturally appropriate references. Speaks effortlessly and smoothly, with a firm grasp of various levels of style, but would seldom be perceived as a native speaker. Nevertheless, any shortcomings, such as non-native pronunciation, do not interfere with intelligibility.

Level 5- Highly-articulate native
Speaking proficiency is functionally equivalent to that of a highly articulate well educated native speaker and reflects the cultural standards of the country or areas where the language is natively spoken. The speaker uses the language with great flexibility so that all speech, including vocabulary, idioms, colloquialisms, and cultural references, is accepted as native by well-educated native listeners. Pronunciation is consistent with that of well-educated native speakers of a standard dialect.

READING COMPREHENSION

Level 0 - No proficiency
No practical ability to read the language. Consistently misunderstands or cannot comprehend the written language at all.
Level 1 – Survival
Can read very simple connected written material, such as unambiguous texts that are directly related to everyday survival or workplace situations. Texts may include short notes; announcements; highly predictable descriptions of people, places, or things; brief explanations of geography, government, and currency systems simplified for non-natives; short sets of instructions and directions (application forms, maps, menus, directories, brochures, and simple schedules). Understands the basic meaning of simple texts containing high frequency structural patterns and vocabulary, including shared international terms and cognates (when applicable). Can find some specific details through careful or selective reading. Can often guess the meaning of unfamiliar words from simple context. May be able to identify major topics in some higher-level texts. However, may misunderstand even some simple texts.
Level 2 - Functional
Sufficient comprehension to read simple authentic written material on familiar subjects. Can read straightforward, concrete, factual texts, which may include descriptions of persons, places, and things; and narration about current, past, and future events. Contexts include news items describing frequently recurring events, simple biographical information, social notices, routine business letters, and simple technical material intended for the general reader. Can read uncomplicated but authentic prose on familiar subjects that are normally presented in a predictable sequence that aids the reader in understanding. Can locate and understand the main ideas and details in material written for the general reader and can answer factual questions about such texts. Cannot draw inferences directly from the text or understand the subtleties of language surrounding factual material. Can readily understand prose that is predominantly constructed in high frequency sentence patterns. While active vocabulary may not be broad, the reader can use contextual and real-world cues to understand texts. May be slow in performing this task, and may misunderstand some information. May be able to summarize, sort, and locate specific information in higher level texts concerning his/her special professional field, but not consistently or reliably.

<p>Level 3 - Professional</p>
<p>Able to read with almost complete comprehension a variety of authentic written material on general and professional subjects, including unfamiliar subject matter. Demonstrates the ability to learn through reading. Comprehension is not dependent on subject matter. Contexts include news, informational and editorial items in major periodicals intended for educated native readers, personal and professional correspondence, reports, and material in special fields of competence. Can readily understand such language functions as hypothesizing, supporting opinion, argumentation, clarification, and various forms of elaboration. Demonstrates understanding of abstract concepts in texts on complex topics (which may include economics, culture, science, technology), as well as his/her professional field. Almost always able to interpret material correctly, to relate ideas, and to “read between the lines,” or understand implicit information. Can generally distinguish between different stylistic levels and often recognizes humor, emotional overtones, and subtleties of written language. Misreading is rare. Can get the gist of higher level, sophisticated texts, but may be unable to detect all nuances. Cannot always thoroughly comprehend texts that have an unusually complex structure, low frequency idioms, or a high degree of cultural knowledge embedded in the language. Reading speed may be somewhat slower than that of a native reader.</p>
<p>Level 4 - Expert</p>
<p>Demonstrates strong competence in reading all styles and forms of the written language used for professional purposes, including texts from unfamiliar general and professional–specialist areas. Contexts include newspapers, magazines and professional literature written for the well-educated reader and may contain topics from such areas as economics, culture, science and technology, as well as from the reader’s own field. Can readily follow unpredictable turns of thought on any subject matter addressed to the general reader. Shows both global and detailed understanding of texts including highly abstract concepts. Can understand almost all cultural references and can relate a specific text to other written materials within the culture. Demonstrates a firm grasp of stylistic nuances, irony, and humor. Reading speed is similar to that of a native reader. Can read reasonably legible handwriting without difficulty.</p>
<p>Level 5- Highly-articulate native</p>
<p>Reading proficiency is functionally equivalent to that of the well-educated native reader. Able to fully comprehend all forms and styles of the written language understood by the well-educated native reader. Demonstrates the same facility as the well-educated, non-specialist native when reading general legal documents, technical writing, and literature, including both experimental prose and classical texts. Can read a wide variety of handwritten documents.</p>

WRITING

Level 0 - No proficiency
No functional writing ability.
Level 1 – Survival
Can write to meet immediate personal needs. Examples include lists, short notes, post cards, short personal letters, phone messages, and invitations as well as filling out forms and applications. Writing tends to be a loose collection of sentences (or fragments) on a given topic, with little evidence of conscious organization. Can convey basic intention by writing short, simple sentences, often joined by common linking words. However, errors in spelling, vocabulary, grammar and punctuation are frequent. Can be understood by native readers used to non-natives' attempts to write.
Level 2 - Functional
Can write simple personal and routine workplace correspondence and related documents, such as memoranda, brief reports, and private letters, on everyday topics. Can state facts; give instructions; describe people, places, and things; can narrate current, past, and future activities in complete, but simple paragraphs. Can combine and link sentences into connected prose; paragraphs contrast with and connect to other paragraphs in reports and correspondence. Ideas may be roughly organized according to major points or straightforward sequencing of events. However, relationship of ideas may not always be clear, and transitions may be awkward. Prose can be understood by a native not used to reading material written by non-natives. Simple, high frequency grammatical structures are typically controlled, while more complex structures are used inaccurately or avoided. Vocabulary use is appropriate for high frequency topics, with some circumlocutions. Errors in grammar, vocabulary, spelling, and punctuation may sometimes distort meaning. However, the individual writes in a way that is generally appropriate for the occasion, although command of the written language is not always firm.
Level 3 - Professional

<p>Able to understand most formal and informal speech on practical, social, and professional topics, including particular interests and special fields of competence. Demonstrates, through spoken interaction, the ability to effectively understand face-to-face speech delivered with normal speed and clarity in a standard dialect. Demonstrates clear understanding of language used at interactive meetings, briefings, and other forms of extended discourse, including unfamiliar subjects and situations. Can follow accurately the essentials of conversations among educated native speakers, lectures on general subjects and special fields of competence, reasonably clear telephone calls, and media broadcasts. Can readily understand language that includes such functions as hypothesizing, supporting opinion, stating and defending policy, argumentation, objections, and various types of elaboration. Demonstrates understanding of abstract concepts in discussion of complex topics (which may include economics, culture, science, technology) as well as his/her professional field. Understands both explicit and implicit information in a spoken text. Can generally distinguish between different stylistic levels and often recognizes humor, emotional overtones, and subtleties of speech. Rarely has to request repetition, paraphrase, or explanation. However, may not understand native speakers if they speak very rapidly or use slang, regionalisms, or dialects</p>
<p>Level 4 - Expert</p>
<p>Can write the language precisely and accurately for all professional purposes including the representation of an official policy or point of view. Can prepare highly effective written communication in a variety of prose styles, even in unfamiliar general or professional-specialist areas. Demonstrates strong competence in formulating private letters, job-related texts, reports, position papers, and the final draft of a variety of other papers. Shows the ability to use the written language to persuade others and to elaborate on abstract concepts. Topics may come from such areas as economics, culture, science, and technology as well as from the writer's own professional field. Organizes extended texts well, conveys meaning effectively, and uses stylistically appropriate prose. Shows a firm grasp of various levels of style and can express nuances and shades of meaning.</p>
<p>Level 5- Highly-articulate native</p>
<p>Writing proficiency is functionally equivalent to that of a well-educated native writer. Uses the organizational principles and stylistic devices that reflect the cultural norms of natives when writing formal and informal correspondence, official documents, articles for publication, and material related to a professional specialty. Writing is clear and informative.</p>

ANEXO B – ESCALA GLOBAL DO CEFR

PROFICIENT USER	C2	<p>Can understand with ease virtually everything heard or read. Can summarise information from different spoken and written sources, reconstructing arguments and accounts in a coherent presentation. Can express him/herself spontaneously, very fluently and precisely, differentiating finer shades of meaning even in more complex situations.</p>
	C1	<p>Can understand a wide range of demanding, longer texts, and recognize implicit meaning. Can express him/herself fluently and spontaneously without much obvious searching for expressions. Can use language flexibly and effectively for social, academic and professional purposes. Can produce clear, well-structured, detailed text on complex subjects, showing controlled use of organizational patterns, connectors and cohesive devices.</p>
INDEPENDENT USER	B2	<p>Can understand the main ideas of complex text on both concrete and abstract topics, including technical discussions in his/her field of specialization. Can interact with a degree of fluency and spontaneity that makes regular interaction with native speakers quite possible without strain for either party. Can produce clear, detailed text on a wide range of subjects and explain a viewpoint on a topical issue giving the advantages and disadvantages of various options.</p>
	B1	<p>Can understand the main points of clear standard input on familiar matters regularly encountered in work, school, leisure, etc. Can deal with most situations likely to arise whilst travelling in an area where the language is spoken. Can produce simple connected text on topics which are familiar or</p>

		<p>of personal interest. Can describe experiences and events, dreams, hopes & ambitions and briefly give reasons and explanations for opinions and plans.</p>
<p>BASIC USER</p>	<p>A2</p>	<p>Can understand sentences and frequently used expressions related to areas of most immediate relevance (e.g., very basic personal and family information, shopping, local geography, employment). Can communicate in simple and routine tasks requiring a simple and direct exchange of information on familiar and routine matters. Can describe in simple terms aspects of his/her background, immediate environment and matters in areas of immediate need.</p>
	<p>A1</p>	<p>Can understand and use familiar everyday expressions and very basic phrases aimed at the satisfaction of needs of a concrete type. Can introduce him/herself and others and can ask and answer questions about personal details such as where he/she lives, people he/she knows and things he/she has. Can interact in a simple way provided the other person talks slowly and clearly and is prepared to help.</p>

ANEXO C – GRADE DE AUTOAVALIAÇÃO DO CEFR

		A1	A2	B1	B2
U N D E R S T A N D I N G	Listening	I can recognise familiar words and very basic phrases concerning myself, my family and immediate concrete surroundings when people speak slowly and clearly.	I can understand phrases and the highest frequency vocabulary related to areas of most immediate personal relevance (e.g. very basic personal and family information, shopping, local area, employment). I can catch the main point in short, clear, simple messages and announcements.	I can understand the main points of clear standard speech on familiar matters regularly encountered in work, school, leisure, etc. I can understand the main point of many radio or TV programmes on current affairs or topics of personal or professional interest when the delivery is relatively slow and clear.	I can understand extended speech and lectures and follow even complex lines of argument provided the topic is reasonably familiar. I can understand most TV news and current affairs programmes. I can understand the majority of films in standard dialect.
	Reading	I can understand familiar names, words and very simple sentences, for example on notices and posters or in catalogues.	I can read very short, simple texts. I can find specific, predictable information in simple everyday material such as advertisements, prospectuses, menus and timetables and I can understand short simple personal letters.	I can understand texts that consist mainly of high frequency everyday or job-related language. I can understand the description of events, feelings and wishes in personal letters.	I can read articles and reports concerned with contemporary problems in which the writers adopt particular attitudes or viewpoints. I can understand contemporary literary prose.
S P E A K I N G	Spoken Interaction	I can interact in a simple way provided the other person is prepared to repeat or rephrase things at a slower rate of speech and help me formulate what I'm trying to say. I can ask and answer simple questions in areas of immediate need or on very familiar topics.	I can communicate in simple and routine tasks requiring a simple and direct exchange of information on familiar topics and activities. I can handle very short social exchanges, even though I can't usually understand enough to keep the conversation going myself.	I can deal with most situations likely to arise whilst travelling in an area where the language is spoken. I can enter unprepared into conversation on topics that are familiar, of personal interest or pertinent to everyday life (e.g. family, hobbies, work, travel and current events).	I can interact with a degree of fluency and spontaneity that makes regular interaction with native speakers quite possible. I can take an active part in discussion in familiar contexts, accounting for and sustaining my views.
	Spoken Production	I can use simple phrases and sentences to describe where I live and people I know.	I can use a series of phrases and sentences to describe in simple terms my family and other people, living conditions, my educational background and my present or most recent job.	I can connect phrases in a simple way in order to describe experiences and events, my dreams, hopes and ambitions. I can briefly give reasons and explanations for opinions and plans. I can narrate a story or relate the plot of a book or film and describe my reactions.	I can present clear, detailed descriptions on a wide range of subjects related to my field of interest. I can explain a viewpoint on a topical issue giving the advantages and disadvantages of various options.
W R I T I N G	Writing	I can write a short, simple postcard, for example sending holiday greetings. I can fill in forms with personal details, for example entering my name, nationality and address on a hotel registration form.	I can write short, simple notes and messages relating to matters in areas of immediate needs. I can write a very simple personal letter, for example thanking someone for something.	I can write simple connected text on topics which are familiar or of personal interest. I can write personal letters describing experiences and impressions.	I can write clear, detailed text on a wide range of subjects related to my interests. I can write an essay or report, passing on information or giving reasons in support of or against a particular point of view. I can write letters highlighting the personal significance of events and experiences.

		C1	C2
U N D E R S T A N D I N G	Listening	I can understand extended speech even when it is not clearly structured and when relationships are only implied and not signalled explicitly. I can understand television programmes and films without too much effort.	I have no difficulty in understanding any kind of spoken language, whether live or broadcast, even when delivered at fast native speed, provided I have some time to get familiar with the accent.
	Reading	I can understand long and complex factual and literary texts, appreciating distinctions of style. I can understand specialised articles and longer technical instructions, even when they do not relate to my field.	I can read with ease virtually all forms of the written language, including abstract, structurally or linguistically complex texts such as manuals, specialised articles and literary works.
S P E A K I N G	Spoken Interaction	I can express myself fluently and spontaneously without much obvious searching for expressions. I can use language flexibly and effectively for social and professional purposes. I can formulate ideas and opinions with precision and relate my contribution skilfully to those of other speakers.	I can take part effortlessly in any conversation or discussion and have a good familiarity with idiomatic expressions and colloquialisms. I can express myself fluently and convey finer shades of meaning precisely. If I do have a problem I can backtrack and restructure around the difficulty so smoothly that other people are hardly aware of it.
	Spoken Production	I can present clear, detailed descriptions of complex subjects integrating sub-themes, developing particular points and rounding off with an appropriate conclusion.	I can present a clear, smoothly-flowing description or argument in a style appropriate to the context and with an effective logical structure which helps the recipient to notice and remember significant points.
W R I T I N G	Writing	I can express myself in clear, wellstructured text, expressing points of view at some length. I can write about complex subjects in a letter, an essay or a report, underlining what I consider to be the salient issues. I can select style appropriate to the reader in mind.	I can write clear, smoothly-flowing text in an appropriate style. I can write complex letters, reports or articles which present a case with an effective logical structure which helps the recipient to notice and remember significant points. I can write summaries and reviews of professional or literary works.

ANEXO D – ASPECTOS QUALITATIVOS DO CEFR

	RANGE	ACCURACY	FLUENCY	INTERACTION	COHERENCE	PHONOLOGY
C2	Shows great flexibility reformulating ideas in differing linguistic forms to convey finer shades of meaning precisely, to give emphasis, to differentiate and to eliminate ambiguity. Also has a good command of idiomatic expressions and colloquialisms.	Maintains consistent grammatical control of complex language, even while attention is otherwise engaged (e.g. in forward planning, in monitoring others' reactions).	Can express him/herself spontaneously at length with a natural colloquial flow, avoiding or backtracking around any difficulty so smoothly that the interlocutor is hardly aware of it.	Can interact with ease and skill, picking up and using non-verbal and intonational cues apparently effortlessly. Can interweave his/her contribution into the joint discourse with fully natural turntaking, referencing, allusion making etc.	Can create coherent and cohesive discourse making full and appropriate use of a variety of organisational patterns and a wide range of connectors and other cohesive devices.	Can employ the full range of phonological features in the target language with a high level of control – including prosodic features such as word and sentence stress, rhythm and intonation – so that the finer points of his/her message are clear and precise. Intelligibility is not affected in any way by features of accent that may be retained from other language(s).
C1	Has a good command of a broad range of language allowing him/her to select a formulation to express him/ herself clearly in an appropriate style on a wide range of general, academic, professional or leisure topics without having to restrict what he/she wants to say.	Consistently maintains a high degree of grammatical accuracy; errors are rare, difficult to spot and generally corrected when they do occur.	Can express him/herself fluently and spontaneously, almost effortlessly. Only a conceptually difficult subject can hinder a natural, smooth flow of language.	Can select a suitable phrase from a readily available range of discourse functions to preface his remarks in order to get or to keep the floor and to relate his/her own contributions skilfully to those of other speakers.	Can produce clear, smoothly flowing, well-structured speech, showing controlled use of organisational patterns, connectors and cohesive devices.	Can employ the full range of phonological features in the TL with sufficient control to ensure intelligibility throughout. Can articulate virtually all the sounds of the TL; some features of accent retained from other language(s) may be noticeable, but they do not affect intelligibility at all.
B2+	Has a sufficient range of language to be able to give clear descriptions, express viewpoints on most general topics, without much conspicuous searching for words, using some complex sentence forms to do so.	Shows a relatively high degree of grammatical control. Does not make errors which cause misunderstanding, and can correct most of his/her mistakes.	Can produce stretches of language with a fairly even tempo; although he/she can be hesitant as he or she searches for patterns and expressions, there are few noticeably long pauses.	Can initiate discourse, take his/her turn when appropriate and end conversation when he/she needs to, though he/she may not always do this elegantly. Can help the discussion along on familiar ground confirming comprehension, inviting others in, etc.	Can use a limited number of cohesive devices to link his/her utterances into clear, coherent discourse, though there may be some "jumpiness" in a long contribution.	Can generally use appropriate intonation, place stress correctly and articulate individual sounds clearly; accent tends to be influenced by other language(s) he/she speaks, but has little or no effect on intelligibility.
B1+	Has enough language to get by, with sufficient vocabulary to express him/herself with some hesitation and circumlocutions on topics such as family, hobbies and interests, work, travel, and current events.	Uses reasonably accurately a repertoire of frequently used "routines" and patterns associated with more predictable situations.	Can keep going comprehensibly, even though pausing for grammatical and lexical planning and repair is very evident, especially in longer stretches of free production.	Can initiate, maintain and close simple face-to-face conversation on topics that are familiar or of personal interest. Can repeat back part of what someone has said to confirm mutual understanding.	Can link a series of shorter, discrete simple elements into a connected, linear sequence of points.	Pronunciation is generally intelligible; can approximate intonation and stress at both utterance and word levels. However, accent is usually influenced by other language(s) he/she speaks.
B1						

	RANGE	ACCURACY	FLUENCY	INTERACTION	COHERENCE	PHONOLOGY
A2+	Uses basic sentence patterns with memorised phrases, groups of a few words and formulae in order to communicate limited information in simple everyday situations.	Uses some simple structures correctly, but still systematically makes basic mistakes.	Can make him/herself understood in very short utterances, even though pauses, false starts and reformulation are very evident.	Can ask and answer questions and respond to simple statements. Can indicate when he/she is following but is rarely able to understand enough to keep conversation going of his/her own accord.	Can link groups of words with simple connectors like "and," "but" and "because".	Pronunciation is generally clear enough to be understood, but conversational partners will need to ask for repetition from time to time. A strong influence from other language(s) he/she speaks on stress, rhythm and intonation may affect intelligibility, requiring collaboration from interlocutors. Nevertheless, pronunciation of familiar words is clear.
A2						
A1	Has a very basic repertoire of words and simple phrases related to personal details and particular concrete situations.	Shows only limited control of a few simple grammatical structures and sentence patterns in a memorised repertoire.	Can manage very short, isolated, mainly pre-packaged utterances, with much pausing to search for expressions, to articulate less familiar words, and to repair communication.	Can ask and answer questions about personal details. Can interact in a simple way but communication is totally dependent on repetition, rephrasing and repair.	Can link words or groups of words with very basic linear connectors like "and" or "then".	Pronunciation of a very limited repertoire of learnt words and phrases can be understood with some effort by interlocutors used to dealing with speakers of the language group concerned. Can reproduce correctly a limited range of sounds as well as the stress on simple, familiar words and phrases.